

## A Proibição do Incesto

A mitologia está repleta de uniões incestuosas e foi a fonte inspiradora para vários dramaturgos, como Sófocles, o autor de “Édipo Rei”. Há uma espécie de “horror sagrado” a embasar a criação e a aceitação das obras e da possibilidade em si. Entre os deuses, o Zend Avesta recomendava os casamentos consanguíneos, com a intenção de acentuar, purificar e aprimorar os traços semelhantes de geração a geração.

Charles Baudouin afirma que “na origem das cosmogonias, o incesto divino possui um espaço de honra e se mostra sem disfarce. Gea engendra Urano e logo se une a este filho para dar nascimento a um dos Titãs. De igual modo Isis e Osiris, na mitologia Egípcia, são irmão e irmã ao mesmo tempo que esposos; mais até, são gêmeos e esposos desde o seio materno. No mito babilônico, ao começo da era do Caos, situa-se o duplo aspecto viril e feminino de Oceano e Mar (Apsu e Tiamat). Ambos tem um filho, Mummu, que logo se interpõe entre seu pai e sua mãe e engendra com esta uma nova geração de deuses. Este último motivo -o filho que se interpõe entre seu pai e sua mãe- é frequente nas cosmogonias primitivas, e aqui encontramos a outra face do Complexo de Édipo: a rivalidade de pai e filho. Ela também se manifesta sem rodeios na raiz dos mitos. O pai, zeloso de seu poder, destrói a seus filhos, até que um deles, com a cumplicidade da mãe, termina por destroná-lo. É a história de Urano e seu filho Cronos, depois a de Cronos e seu filho Zeus; porque é uma particularidade destes mitos a ‘extensão’, por assim dizer, do mesmo motivo de geração a geração. Isso introduz uma nova idéia, a do talião: o deus será tratado por seu filho como tratou a seu pai.”<sup>1</sup>

O incesto é situação próxima das sociedades fechadas e dos psiquismos fechados. Jung atribui a ele uma simbologia referente a um desejo de união consigo mesmo, de individuação absoluta, de algo bem perto de “fundir-se consigo mesmo”. Essa incapacidade de assimilar o outro representa um bloqueio na evolução de uma sociedade ou psiquismo (pessoa). Na Roma antiga, havia uma lei muito rígida proibindo o incesto, e os culpados eram jogados ao solo do cume da rocha Tarpéia.

---

<sup>1</sup>Baudouin, Charles: *Psicoanálisis del Arte*. Ediciones Siglo Veinte, Buenos Aires, 1946. Pág. 33

O dogma fundamental para o crescimento humano como civilização é exatamente esta proibição do incesto. Pode-se dizer que é a primeira das leis a ser incorporada pela pessoa, e dependendo da qualidade desta incorporação, serão ou não incorporadas novas leis. Os sucedâneos afetivos de cada indivíduo igualmente transitam pela incorporação da lei proibitiva.

No livro “Totem e Tabu” (1913), Freud discorre sobre o tema, e revela que os aborígenes chegavam a extremos para fazer a devida profilaxia das relações incestuosas, sendo a organização social muitas vezes possuidora deste fim primeiro. Entre os australianos primitivos, o sistema do totemismo ocupa o lugar da religião. O totem geralmente é um animal, mas pode também ser uma árvore ou mais raramente um fenômeno natural, como um raio, um trovão ou um relâmpago.

Onde há o “totem”, há sempre uma proibição específica, regendo que os membros de um mesmo totem não podem se relacionar sexualmente entre si, e o desrespeito à essa lei leva a castigos severíssimos. Algumas proibições procuram também acercar-se do maior grau possível de prevenções, como na Melanésia, onde se afasta o menino de sua casa, para evitar assim as relações sexuais entre ele e sua mãe ou irmãs. Após esse afastamento, a proibição ainda persiste, não lhe é permitido sequer encontrá-las, quanto mais conversar com elas ou tocá-las. Situações extremadas como esta se verificam também em Nova Bretanha, Nova Caledônia, Nova Mecklenburg, Fiji e Samatra. A interdição dos desejos incestuosos os leva ao inconsciente, e estes desejos são encarados pelos primitivos como perigos imediatos, inimigos contra os quais há que se reforçar as defesas, entrincheirar-se de todas as maneiras possíveis e atacar quando necessário prevenir.

Na tribo primitiva, engatinhando no porcesso civilizatório, os mais jovens assassinaram o patriarca (grupalmente) que havia destinado as mulheres da tribo para si mesmo. A proibição do incesto teria aparecido como uma espécie de filha do sentimento de culpa pelo ato de matar e também como uma tentativa de impedir que futuramente atos dessa natureza pudessem voltar à cena e se repetir, o que fatalmente levaria a tribo inteira a desintegração e morte.

Assim, se o animal totêmico simboliza o pai e as proibições (incesto e agressão ao pai) estão em sintonia com os desejos primitivos da criança contidos no Complexo de Édipo, esta observação somada a teoria evolucionista de Darwin, possibilitou que Freud formulasse a partir destas idéias sua teoria sobre as “Origens da Civilização”. O pensamento de Darwin pressupõe

logicamente também um pai violento e portador de um ciúme patológico que reserva para si todas as fêmeas e vai expulsando filhote por filhote à medida que estes vão crescendo e ameaçando seu “trono”. Então, Freud postulou que um dia os irmãos se reuniram, mataram o pai e logo a seguir devoraram o cadáver: identificavam-se com ele e invejavam-no, pois o ato de comer seria uma tendência, um tentativa de incorporar uma parte de sua força e poder.

Este pensamento tem sido questionado do ponto de vista histórico, devido a dificuldade ou impossibilidade de comprová-lo cientificamente. Mas deve ser entendido mais à luz do mito do que em razão de provas epistemológicas, e os desdobramentos dessa leitura acontecem tanto no âmbito psíquico individual quanto social.